

DE NELSON RODRIGUES A PÉRIS RIBEIRO: A LINGUAGEM POÉTICA NA CRÔNICA DE FUTEBOL COMO JORNALISMO LITERÁRIO

Wesley Barbosa Machado (UENF)

Dr. Sérgio Arruda de Moura (UENF)

Resumo – Este artigo percorre um histórico da crônica de futebol no Brasil, desde as primeiras menções no final do século XIX até a consolidação como uma forma de jornalismo literário. Analisamos a evolução do tratamento dado à crônica nos jornais, destacando o papel de figuras como Nelson Rodrigues, Mario Filho e Armando Nogueira na consolidação desse gênero. O objetivo deste artigo é fazer o percurso histórico da crônica em dois cronistas na sua relação com o jornalismo esportivo. São eles Nelson Rodrigues, pernambucano radicado no Rio de Janeiro; e Pêris Ribeiro, campista que trabalhou na imprensa esportiva de São Paulo. A metodologia deste artigo é formada por análises dos discursos dos (con)textos históricos, políticos, ideológicos, econômicos, sociais e culturais e sentidos de textos destes cronistas brasileiros de futebol. Utilizaremos os conceitos de discurso e campo literário em Dominique Maingueneau (2005), da crônica como “gênero menor”, segundo Antonio Cândido (2003); e do papel relevante da poesia no texto literário, concebido por Terry Eagleton (2019). Na busca por destacar a linguagem poética presente na prosa destes cronistas, este artigo estuda a crônica de futebol enquanto jornalismo literário. Defendemos a tese de que o jornalista cronista de futebol se utiliza do recurso da linguagem poética para sair do campo jornalístico, onde prevalecem questões como objetividade e imparcialidade, para adentrar o campo literário, onde a história é contada mais livremente, a partir de uma visão passional de torcedor, com minúcias intertextuais além do intracampo.

Palavras-chave: Linguagem; Crônica; Futebol.

Introdução

A crônica de futebol no Brasil tem desempenhado um papel significativo na interseção entre Jornalismo e Literatura. Ao longo do tempo, esse gênero evoluiu, refletindo as transformações sociais e culturais do país. Neste artigo, propomos uma análise que percorre desde as primeiras manifestações até a consagração da crônica como uma expressão do jornalismo literário. Na busca por destacar a linguagem poética presente na prosa dos cronistas esportivos brasileiros, este artigo objetiva estudar a crônica de futebol enquanto jornalismo literário. Será levada em consideração a relevância que o futebol tem na imprensa esportiva e em geral.

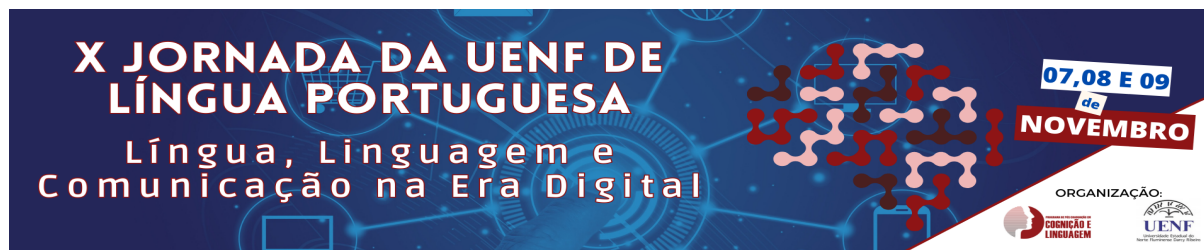


Como o futebol é tratado e veiculado. E, em específico, a relação do texto do cronista esportivo com o jornalismo literário, onde a história é contada com minúcias além do intracampo. Apresentar a crônica de futebol como uma linguagem poética, utilizando recursos do jornalismo literário, é um dos objetivos deste artigo. Primeiro, vamos apresentar a crônica de futebol como gênero, a princípio jornalístico e, posteriormente, literário, tendo em vista que os textos dos cronistas de futebol, publicados em jornais, passaram a ser reunidos em livros. O objetivo geral deste artigo é elevar o gênero crônica de futebol a um patamar literário, demonstrando a relevância de crônicas de futebol de dois autores brasileiros em especial, Nelson Rodrigues e Pêris Ribeiro para o estabelecimento do futebol como fenômeno linguístico a partir dos discursos contidos nos escritos crônicos sobre o esporte mais popular do Brasil. O objetivo específico é trazer luz sobre os discursos escondidos nos textos. Onde estão os discursos? O que está esquecido, adormecido? Quem são os autores estudados, qual o sujeito do discurso? Porque eles escrevem assim? Estas são algumas perguntas que buscaremos responder ao longo do nosso artigo.

A metodologia deste artigo é formada por análises dos discursos dos (con)textos e sentidos dos textos de cronistas esportivos brasileiros, a citar: Nelson Rodrigues, Mario Filho, Armando Nogueira, Luis Fernando Veríssimo, João Saldanha, Paulo Mendes Campos, Jacinto de Thormes (Maneco Muller), Pêris Ribeiro, entre outros autores, o primeiro e o último em especial com foco nestes cronistas, utilizando os conceitos de discurso e campo literário em Dominique Maingueneau (2005); da crônica como “gênero menor”, segundo Antonio Cândido (2003); e do papel relevante da poesia no texto literário, concebido por Terry Eagleton (2019).

A justificativa para este artigo é que o futebol é um tema que, estudado de forma interdisciplinar e aliando a paixão do torcedor à razão do pesquisador, produz registros históricos do jogo de bola no Brasil para as instituições de pesquisa e ensino. O futebol está imbricado na sociedade e é parte importante e fundamental da vida cotidiana de milhões de pessoas, não só no Brasil, bem como em diversas partes do planeta. Na Copa do Mundo as atenções se voltam para o evento organizado pela *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA), que mobiliza uma gama não só dos aficionados por futebol, bem como de pessoas “leigas”, que param para assistir a jogos de futebol neste período. Enfim, o futebol é algo estabelecido na sociedade, desde sua popularização com a profissionalização, passando pela sua massificação com os meios de comunicação, até a sua mercantilização.

Nelson Rodrigues (1912-1960), um dos dois cronistas de futebol que vamos estudar neste artigo, era recifense radicado no Rio de Janeiro. Ainda criança, veio com a família de navio para a então capital da República do Brasil. Na Cidade Maravilhosa, se tornou um dos maiores dramaturgos brasileiros e o mais renomado

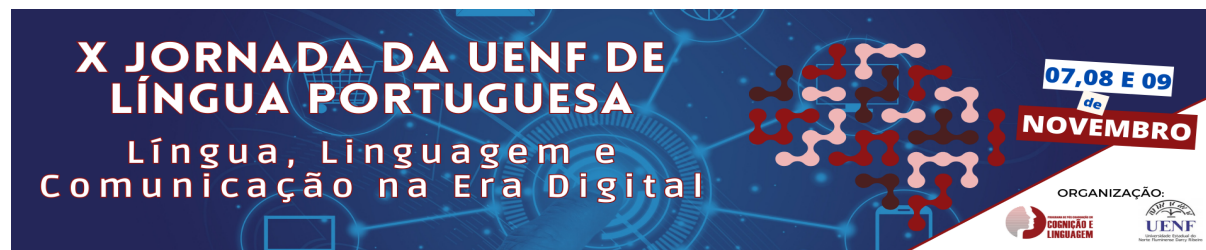


cronista de futebol do país, reconhecido por levar ao extremo as paixões que envolvem um jogo de futebol. O “anjo pornográfico”, conforme o definiu o biógrafo Ruy Castro, dispensa mais apresentações por ora, afinal existem materiais extensos sobre ele disponíveis, como um livro de entrevistas do escritor, intitulado “Nelson Rodrigues por ele mesmo” (2012).

O segundo cronista de futebol que será analisado aqui é o jornalista e escritor Pêris Ribeiro, que saiu de Campos dos Goytacazes-RJ e ganhou o mundo. Nascido em Campos no dia 4 de novembro de 1944, Pêris escrevia para o jornal dos estudantes do Liceu de Humanidades de Campos e, aos 25 anos, no ano de 1969, foi convidado para trabalhar no Jornal “A Notícia”, o então principal jornal de Campos naquela época. Como todo foca, como é denominado o jornalista iniciante, Pêris teria de trabalhar na editoria de Polícia ou na de Esportes. Como a indicação para A Notícia partiu do então editor de esportes do jornal, Moacyr Fonseca, Pêris foi designado para a editoria de Esportes. Pêris começou cobrindo treinos e jogos de clubes de futebol de Campos e, com o tempo, ganhou uma coluna própria, que foi denominada “Em cima do lance”. Nesta coluna, Pêris passou a escrever seus textos em formato de crônicas, o estilo que adotou para ao longo da carreira.

Em 1986, Pêris Ribeiro publicou pela Editora Mitavaí o livro “O Brasil e as Copas”, com histórias das Copas do Mundo. Pêris passa a se inserir na Literatura. No final da década anterior, 1970, Pêris, que já havia enviado notas, que foram publicadas na Placar, é convidado para estagiar na redação do Rio de Janeiro-RJ da revista de futebol mais popular do Brasil até a contemporaneidade. Depois do estágio no Rio de Janeiro, Pêris é contratado para trabalhar na redação da revista Placar em São Paulo-SP. Pêris se instala em uma república de jornalistas no bairro do Brooklin e vive por quatro anos na Metrópole do Brasil. Em sua passagem pela Placar, Pêris escreve a grande reportagem que mudaria sua vida. Esta grande reportagem foi sobre Didi “Folha Seca”, eleito o melhor jogador da Copa do Mundo de Futebol de 1958 na Suécia, desbancando Pelé e Garrincha. Pêris vem a Campos e fica 15 dias entrevistando Didi, sua família e seus amigos. A reportagem é publicada na Revista *El Gráfico*, da Argentina; e na Revista *France Football*, da França. Da grande reportagem sobre Didi, nasce um conto que foi premiado no Concurso Nacional de Contos José Cândido de Carvalho, da Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima.

Do conto, Pêris tem a ideia de escrever um livro, “Didi: O Gênio da Folha Seca”, que foi publicado em 1993 pela Editora Imago. Esta publicação faz de Pêris um dos pioneiros em escrever e publicar biografias de jogadores de futebol no Brasil. Pelé já havia ganhado algumas biografias. Porém com a biografia de Didi em 1993, Pêris, por exemplo, antecede Ruy Castro, que em 1994 publica a biografia de Garrincha, “Estrela Solitária”. A biografia de Didi ganhou mais duas edições, a segunda em 2009; e a terceira em 2014, ambas publicadas pela editora Gryphus. A segunda edição foi a vencedora em 2011 do I Prêmio João Saldanha de Jornalismo



Esportivo da Associação de Cronistas Esportivos do Rio de Janeiro (Acerj) na categoria “Melhor Livro do Ano”.

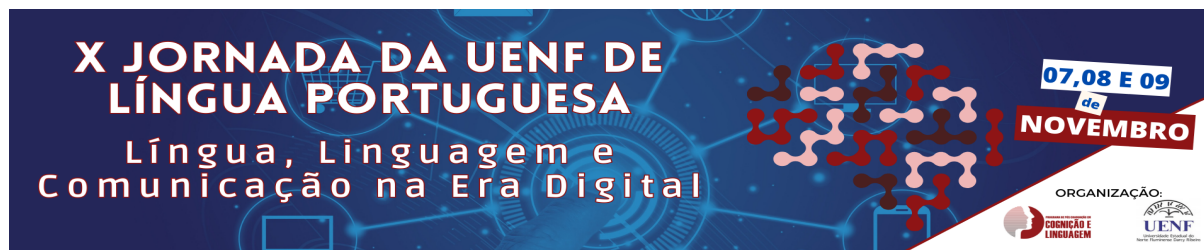
Retomando a coluna “Em cima do lance”, após quatro anos no Jornal A Notícia, a coluna passou a ser escrita para o Jornal Folha da Manhã, fundado em 1978 e que desbancou A Notícia como principal jornal de Campos. Os textos da coluna “Em cima do lance” no jornal Folha da Manhã foram reunidos no livro “Em cima do lance”, publicado no ano de 2001 com edição do autor, impressa pela gráfica editora Poema. A trajetória de Pêris Ribeiro, desde o jornal A Notícia, passando pela Revista Placar até as publicações literárias, pode ser observada como a ocupação de espaço na sociedade, à medida que, enquanto cronista de futebol, Pêris passou a ocupar locais privilegiados de poder, formando amigos como o escritor Ruy Castro, que escreveu sobre o lançamento do livro “Didi, o Gênio da Folha Seca”, um evento grandioso que contou com a presença do biografado. Pêris se consolidou como escritor utilizando-se de um lirismo constante, presente em seus textos poéticos. As informações sobre Pêris Ribeiro foram colhidas em entrevista com o cronista realizada em agosto de 2023 na casa deste em Campos dos Goytacazes-RJ.

Evolução da crônica de futebol no Brasil

Traçamos a partir de agora um histórico da crônica de futebol no Brasil. Segundo a socióloga brasileira Fátima Martin Rodrigues Ferreira Antunes, a crônica ocupava o rodapé das páginas dos jornais, era denominada folhetim ou ensaio e versava sobre fatos do cotidiano com a opinião pessoal do autor, sem o compromisso rígido com o factual da notícia (Antunes, 1999, p. 27). Inicialmente relegado a pequenas colunas, o futebol gradualmente ganhou espaço nos jornais, acompanhando o desenvolvimento do esporte no país. Inicialmente localizada no rodapé, evoluiu para um estilo literário entre o Jornalismo e a Literatura.

Ainda no final do século XIX, na edição de 19 de maio de 1891 do jornal Monitor Campista, o termo “*football*” aparecia na imprensa de Campos dos Goytacazes-RJ, em texto de André Chevrillon, em sua coluna “Na Índia”, que resultaria na publicação do livro “Índia Romântica”, no mesmo ano. O termo “*football*” apareceu neste texto junto a outros esportes, como *rugby* e *cricket*. Nos jornais impressos, a editoria de esportes em geral ficava localizada na última página da publicação. No início do século XX, quando o futebol começava a ser praticado em clubes organizados no Brasil, o *football*, com a grafia em Inglês, ocupava uma coluna pequena e era citado em forma de notas.

O artigo “Um balanço da trajetória do Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol (GIEF) (2006 - 2009)” publicado em 2010 nos anais do 1º Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol, evento organizado em parceria do Museu



do Futebol com o Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP) e o Departamento de Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), traça o Sulamericano de 1919 como o primeiro evento futebolístico com cobertura mais efetiva da imprensa no Brasil.

“As atividades de leitura e pesquisa do grupo permitiram a percepção da existência de um debate intelectual no Brasil que perpassa todo o século XX acerca das relações entre futebol e identidade nacional brasileira. Já na segunda década deste século, memorialistas e historiadores paulistanos tentaram traçar uma genealogia deste esporte na cidade de São Paulo, enquanto periodistas construíam o campo da crônica esportiva em periódicos como “A Gazeta” e “O Estado de S. Paulo” com vistas ao fornecimento de informações ao público que acompanharia o desenvolvimento do Campeonato Sul-Americano de Futebol, realizado na cidade do Rio de Janeiro, em 1919”. (CANALE, GIGLIO, DE LIMA E FAVERO, 2010, p. 7)

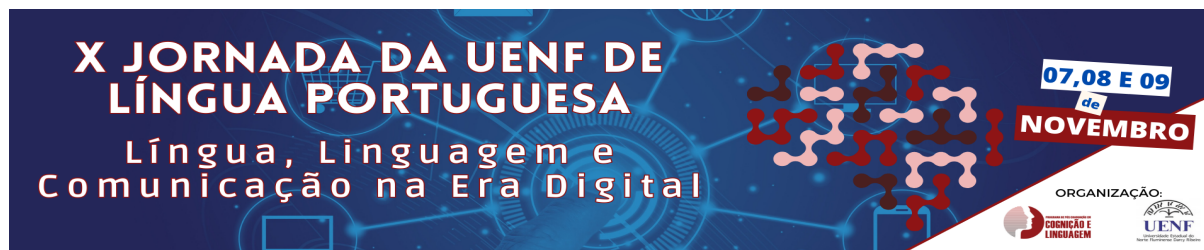
Para demonstrar que o futebol pode ser considerado “o espelho amplificado do que acontece na sociedade”, conforme afirmou a historiadora brasileira, Diana Mendes¹, refutamos o rótulo do futebol como algo só de entretenimento, considerando que além do intracampo existem as particularidades do futebol enquanto uma forma de viver e ver o mundo, torcendo, seja pela internet, televisão, rádio ou estádio, enfim fazendo do esporte da pelota nos pés um sentido para a vida, muito além dos 22 jogadores correndo atrás da bola, afinal o futebol não é só um jogo.

O excerto que veremos a seguir é do escritor brasileiro, Graciliano Ramos, autor do clássico “Vidas Secas” (1938). Em abril de 1921, Graciliano publicou um texto crítico à introdução do futebol no Brasil por considerá-lo um estrangeirismo que, segundo o autor, não pegaria no país então da rasteira e não duraria um mês. As afirmações do romancista de que o esporte bretão seria “por algum tempo” “a mania, a maluqueira, a ideia fixa de muita gente” por ironia do destino se tornou realidade, não por “um mês” apenas, como ele pensava, mas para a posteridade.

“Pensa-se em introduzir o football nesta terra. É uma lembrança que certamente será bem recebida pelo público, que, de ordinário, adora as novidades. Vai ser, por algum tempo, a mania, a maluqueira, a ideia fixa de muita gente com exceção, talvez, de um outro tísico, completamente impossibilitado de aplicar o mais insignificante pontapé a uma bola de borracha, vai haver por aí uma excitação, um furor dos demônios, o entusiasmo de fogo de palha capaz de durar bem. Um mês”. (RAMOS, 1921)

¹ Disponível em:

<https://www.estadao.com.br/esportes/futebol/especialistas-analisam-impacto-negativo-da-contratacao-de-robinho-futebol-e-espelho-da-sociedade/> (Acessado em: 17/01/2024)



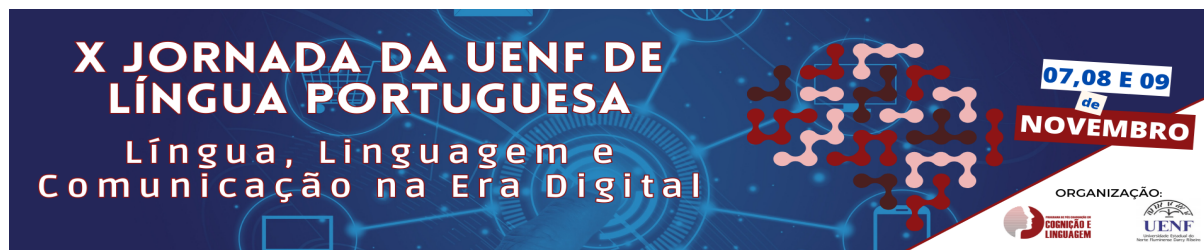
Setenta e um anos depois de Graciliano Ramos, o escritor britânico, Nick Hornby, descreveu da seguinte forma, no livro “Febre de Bola”, sua paixão pelo futebol: “Sei o quanto somos irritantes, o quanto devemos parecer malucos (...) Minha obsessão havia se transformado numa febre de bola.” Com o título original “*Fever Pitch*”, o livro é uma ode ao futebol, especialmente ao clube do coração do escritor, o Arsenal da Inglaterra, onde Nick conta a história da relação dele com o Arsenal e como os destinos do seu time caminham em conjunto com o desenrolar de sua vida em família, na escola, na faculdade, com os amigos e as namoradas.

O ceticismo com que o brasileiro Graciliano Ramos recebeu o futebol no início da segunda década do século XX contrasta com o entusiasmo do inglês Nick Hornby na última década do mesmo século com o esporte das massas. Um paradoxo em se tratando de um apolíneo tropical (Graciliano Ramos) e um dionisíaco britânico (Nick Hornby), para citar Gilberto Freyre, inspirado no filósofo alemão Friedrich Nietzsche, quando aquele fez suas considerações sociológicas acerca da disciplina de Mario Filho no prefácio à primeira edição da obra balizadora deste, “O negro no futebol brasileiro”, de 1947.

O jornalista brasileiro Mario Filho, precursor da crônica de futebol no Brasil e que denomina de forma oficial o estádio do Maracanã, é irmão do escritor brasileiro, Nelson Rodrigues, que ficou mais famoso que o irmão pelos textos carregados de emoção, dramas e tragédias da vida cotidiana, revelando “A vida como ela é”, uma realidade nua e crua, tonalizada por cores fortes. Estas características puderam ser observadas nas crônicas de futebol de Nelson Rodrigues, que se tornou o maior expoente da crônica esportiva brasileira, ainda mais quando o assunto é passionalidade.

Nelson Rodrigues, considerado o maior expoente da crônica esportiva brasileira, trouxe uma abordagem passional e emotiva. Suas crônicas refletiram o momento sociopolítico do Brasil, especialmente durante a Copa do Mundo de 1958, quando o discurso sobre o “complexo de vira-latas” foi desconstruído pela conquista do título. É de Nelson Rodrigues as frases títulos de textos como: “Sem um mínimo de paixão não se consegue chupar nem um Chicabon” e “A paixão é mais importante do que a bola”, que nos remetem a um enunciado dentro de um contexto (Maingueneau, 2011). Retornamos aos temas centrais ensinados nas escolas de jornalismo, objetividade e imparcialidade. O que percebemos que foge ao perfil das crônicas de futebol, ao menos as mais antigas, tendo em vista que na contemporaneidade muitos cronistas têm dado mais importância em seus textos à tática e às estatísticas, numa visão tecnicista, a qual Nelson Rodrigues denominaria de “idiotas da objetividade”. Analisamos abaixo dois trechos de crônicas de Nelson Rodrigues:

“Só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de “complexo de



vira-latas”. Estou a imaginar o espanto do leitor: — “O que vem a ser isso?”. Eu explico. Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol”.

(Rodrigues, 31/05/1958, 1993, p, 61)

“Já ninguém tem mais vergonha de sua condição nacional. E as moças na rua, as datilógrafas, as comerciárias, as colegiais, andam pelas calçadas com um charme de Joana d’Arc. O povo já não se julga mais um vira-latas. Sim, amigos: — o brasileiro tem de si mesmo uma nova imagem. Ele já se vê na generosa totalidade de suas imensas virtudes pessoais e humanas. Vejam como tudo mudou. A vitória passará a influir em todas as nossas relações com o mundo”.

(Rodrigues, 12/07/1958, 1993, p, 72)

As duas crônicas foram escritas em um espaço temporal de 42 dias entre a estreia do Brasil na Copa do Mundo de 1958 na Suécia e a conquista do primeiro título mundial da seleção brasileira de futebol. O discurso do autor muda com a superação momentânea do “complexo de vira-latas”, termo utilizado por Nelson Rodrigues para definir o brasileiro e que ficou enraizado na sociedade ao longo dos anos, sendo retomado toda vez em que se quer caracterizar pejorativamente o brasileiro.

O ofício do cronista de futebol

Armando Nogueira, junto a Mario Filho e Nelson Rodrigues, compõe a tríade de literatos boleiros no Brasil. Em suas obras, destaca-se a solidão do cronista de futebol, condenado a uma posição semelhante à do árbitro, mas enriquecida pela vivência dos sentimentos humanos no contexto esportivo. Um dos cânones da crônica de futebol, o escritor brasileiro Armando Nogueira, escreveu sobre o ofício do cronista de futebol:

“O crítico de futebol, em verdade, está condenado a uma solidão parecida com a do árbitro.

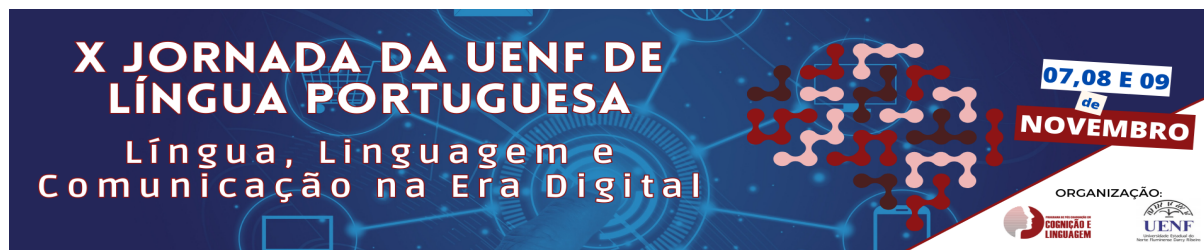
O jornalismo esportivo nos reserva o privilégio de conviver, nas quadras, nas pistas, nos campos e nos vestiários, com os sentimentos maiores e menores do ser humano.

Prepare amigo a sua alma para o patético e para o lírico, para o amargo e para o sublime, pois, na batalha do esporte, como no match da própria vida, o homem ama, odeia, castiga e perdoa.

Lição preciosa que o esporte me ensinou no cotidiano dos estádios é que o homem que ganha hoje é o mesmo que perde amanhã.

No esporte, como na vida, não há vitórias nem derrotas definitivas”.

(NOGUEIRA, 1986, p. 106)

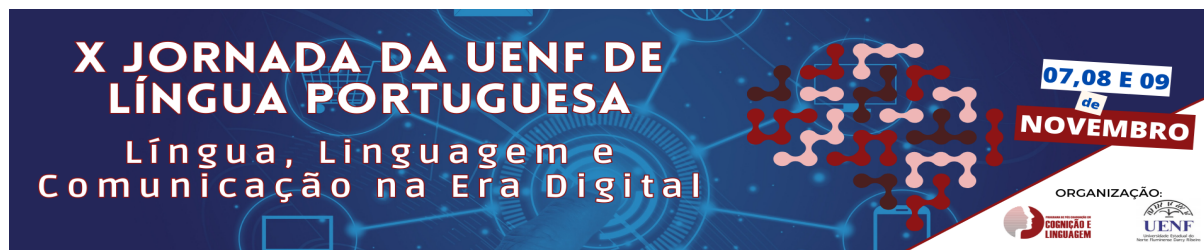


Na crônica “Escritas brasileiríssimas”, do livro “Bola na Rede” (p. 164), de Armando Nogueira, o autor versa sobre as superstições do diretor da delegação da seleção brasileira de futebol, Paulo Machado de Carvalho. O cronista se serve de recursos linguísticos para conduzir o leitor pelo texto, que é interpretado em suas subjetividades e entrelinhas. Podemos extrair desta crônica exemplar de Armando Nogueira o inusitado do futebol, muito além do intracampo. O esporte mais propagandeado do mundo se mostra em suas particularidades, provando que é mais que um esporte, é um modo de vida das pessoas aficionadas pelo rolar da bola nos gramados e terras de campos e estádios.

Sobre a profissão de cronista, nos diz Nelson Rodrigues: “O que faz o cronista? Quer que o jogador brasileiro, o melhor do mundo também se transforme num centauro” em “Coices e relinchos triunfais”, publicado no jornal O Globo em 01/08/1966 (Rodrigues, 2013, p. 16). Um dos maiores cronistas brasileiros de futebol critica já em 1966, em um posicionamento descolonial, a europeização do jogador brasileiro, que perde suas características para se adequar ao estilo europeu de jogar. Nelson Rodrigues ainda comenta: “Se oferecem tanto a Vavá e também ao clube, o negócio deve ser fechado brutalmente e com a solidariedade e o estímulo da imprensa, do rádio e da televisão” em “Clube não é boteco”, publicado no Jornal dos Sports em 26/07/1958 (Rodrigues, 2013, p. 20). Portanto, vemos que em Nelson Rodrigues está, desde 1958, a ironia quanto à mercantilização do jogador de futebol e seu apoio pela imprensa. Seguimos analisando textos de Nelson Rodrigues: “Amigos, está cada vez mais fundo o abismo que se escavou entre o povo e a crônica. Antigamente as coisas eram mais simples e mais amenas”, publicado no jornal O Globo em 16/06/1970 (Rodrigues, 2013, p. 57). Por fim, vemos em Nelson Rodrigues, uma ponderação quanto ao sensacionalismo da imprensa, neste caso a esportiva, utilizando-se da figura de linguagem hipérbole.

Para a linguista brasileira, Maria do Carmo L. de Oliveira Fernández: “A imprensa se encarrega de criar os ídolos e de lapidar sua imagem”. São os heróis fabricados, que vendiam jornais antigamente e na contemporaneidade dão audiência aos programas de tv e canais do You Tube. O livro “O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil” (2012), organizado pelos escritores Bernardo Buarque de Hollanda e Victor Andrade de Melo, é uma coletânea com textos de vários autores, cada um deles versando sobre os considerados principais veículos da imprensa esportiva brasileira, a citar, a Gazeta Esportiva, O Jornal dos Sports, a Manchete Esportiva, a Revista do Esporte, a Revista Placar e o Diário Lance, dentre outros jornais e revistas que se destacaram no meio esportivo.

O filósofo alemão Walter Benjamin escreve sobre o que ele chama de “autonomia do autor: sua liberdade de escrever o que ele quiser”, que seria um “problema”. Resta-nos debater este problema da parcialidade do cronista de futebol quando escreve de uma forma mais livre, deixando transparecer seu time, por exemplo (Benjamin, 1987, p. 120). Na abertura do programa Linha de Passe, da



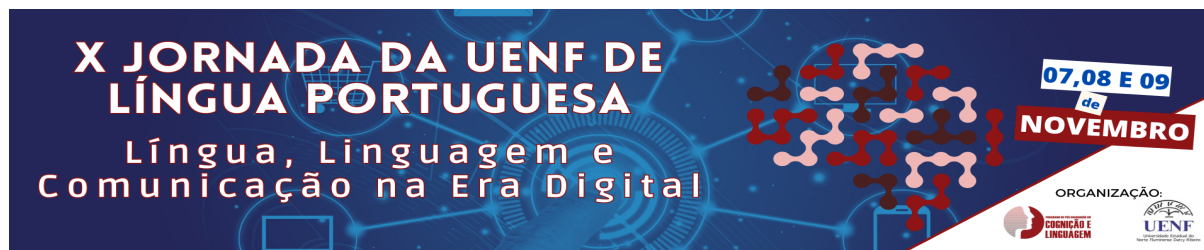
ESPN, no dia 10 de outubro de 2016, o comentarista Juca Kfourir, assumidamente corintiano, afirmou que “achar que jornalista não tem time é acreditar em Papai Noel”. O comentarista Paulo Vinícius Coelho (palmeirense), do mesmo “Linha de Passe”, atualmente no Sportv, já havia dito que o que leva um futuro jornalista a gostar de futebol é o fato de torcer para um time. O jornalista e escritor, Roberto Assaf, que não esconde ser flamenguista, já havia escrito em crônica para o Diário “Lance” que “todo jornalista tem um time”. Para regressarmos a Nelson Rodrigues, tricolor fanático, que não se furtava em enaltecer outros clubes, a consideração de que um jornalista/cronista tem um time para o qual torce é o que podemos chamar de o “óbvio ululante”. Nestas crônicas subjetivas, o jornalista, agora escritor, revela sua alma de torcedor.

O cronista de futebol ocupa locais privilegiados de poder. O cronista de futebol é um dos poucos, além dos jogadores, da comissão técnica, da arbitragem e dos dirigentes, que tem acesso ao campo de jogo. O cronista de futebol, nos tempos pretéritos, adentrava até mesmo no campo de jogo, quando da marcação de um gol. O cronista de futebol, além do campo de jogo, pode assistir à partida da tribuna da imprensa, um lugar privilegiado, que geralmente fica acima das arquibancadas. São comuns também as cabines de rádio e tv, de onde são transmitidas as partidas. Tudo isto mostra que o cronista de futebol está inserido em uma esfera de poder, onde tem acesso a bastidores do jogo, que são contados nos textos escritos para jornais, revistas e livros. O cronista de futebol, portanto, observa e enxerga o jogo de locais privilegiados e com um olhar diferenciado do torcedor espectador. Daí a relevância do seu papel enquanto intermediador do jogo de bola e o torcedor do time. O torcedor vê no cronista um ser especial com a capacidade de elucidar os mistérios do futebol por meio da linguagem, seja ela jornalística ou literária. Surge então o debate sobre a questão da imparcialidade do jornalista. Segundo o apregoado pela ética jornalística, o repórter de campo deve ser imparcial. Eis que surge a figura do cronista, que quebra as regras e passa a escrever como um torcedor, com um texto subjetivo. Um dos recursos utilizados é o da poesia, que ameniza o discurso de um mero relato jornalístico e passa a entrar no “campo literário” (Maingueneau, 2005).

A crônica na perspectiva do discurso

A crônica de futebol, por muitas vezes poética e subjetiva, transcende a objetividade e imparcialidade jornalísticas. Consideramos que ela se enquadra no âmbito do jornalismo literário, explorando detalhes, contextos históricos e atmosferas do esporte.

No texto “A vida ao rés do chão”, prefácio do livro “Para gostar de ler: crônicas” (2003), o crítico literário brasileiro, Antonio Candido, escreveu:



“A crônica não é um ‘gênero maior’. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista por melhor que fosse. Portanto parece mesmo que a crônica é um gênero menor” (Candido, 2003, p.89).

O cineasta, poeta e escritor italiano, Pier Paolo Pasolini, no texto *“Calcio ‘è’ un linguaggio con i suoi poeti e prosatori”*², afirmou que:

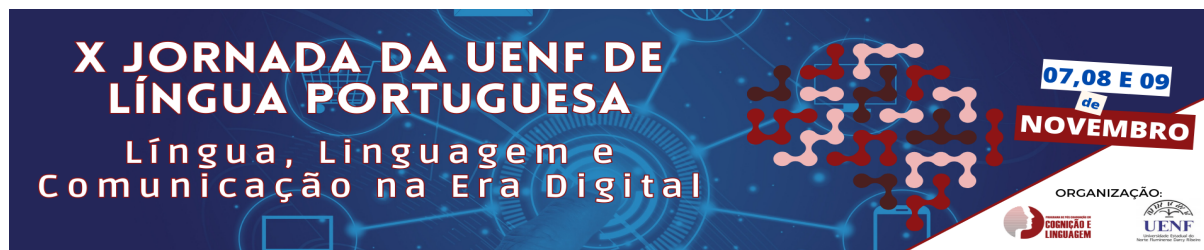
“O jogo de futebol é um ‘sistema de signos’; ou seja, é uma linguagem, ainda que não verbal”. E ainda, segundo Pasolini: “Os jornalistas nada mais são do que escritores que, para popularizar e simplificar conceitos e representações, lançam mão de um código literário – digamos – para se manter no campo esportivo – de segunda”. (Pasolini, 1971)

No entanto, no intuito de elevar a crônica e, em específico a crônica de futebol, a uma categoria maior, pensamos a crônica de futebol não como um “código literário de segunda” (Pasolini, 1971). Consideramos que a crônica de futebol é o espaço apropriado para a prática do jornalismo literário, aquele que se caracteriza por realçar os detalhes e descrever o ambiente, bem como a atmosfera do local onde se passa a história contada no texto com seus contextos históricos, políticos, ideológicos, econômicos, sociais e culturais. O jornalismo literário requer um texto atemporal, personalista, poético, longe da objetividade e imparcialidade jornalísticas, apregoadas nas escolas de jornalismo como regra indissolúvel.

Moura (2008) considera que "Sendo a crônica o resultado de uma prática de escritores nos domínios do jornal, ela tem forçosamente componentes híbridos, ou seja, os poéticos, organizados a partir de uma visão subjetiva do mundo, gerados por um investimento figurativo na linguagem, e um outro, mais referencial, gerado pela exigência do veículo impresso destinado a um público heterogêneo" (Moura, 2008, p. 3). Deduz-se desses posicionamentos acerca da crônica, da poesia e do lirismo em torno do “eu” que os dois princípios básicos, objetividade e imparcialidade, propalados no Jornalismo, não observamos quando se trata de jornalismo esportivo, onde aflora a emoção de torcedor. No tocante à crônica de futebol, que é o recorte deste artigo, a linha entre Jornalismo e Literatura é tênue. A linguagem da crônica de futebol está associada à adjetivação, recurso que recomenda-se evitar no Jornalismo, entre outros recursos linguísticos, como a utilização de figuras de linguagem.

O crítico literário britânico Terry Eagleton (2019) destacou a importância da poesia na literatura. “É verdade que a literatura – e talvez a poesia, principalmente – pode nos fazer sentir como se estivéssemos na presença de uma especificidade irreduzível. Mas isso é um pouco enganoso. Nada é absolutamente específico, se por específico entende-se aquilo que escapa a todas as categorias gerais. Só

² Disponível em: <https://www.interruzioni.net/calciopasolini.htm> (Acessado em: 17/01/2024).



podemos identificar objetos na linguagem, e a linguagem é geral por natureza” (Eagleton, p. 61-62, 2019). O ensaísta francês Philippe Lejeune pergunta: “Porque se gosta dos poemas e das canções? Sobretudo quando dizem ‘eu’? Porque, estes, bruscamente, são a justa expressão de um sentimento que em nós procurava suas palavras e sua música próprias” (Lejeune, 2008, p. 94). A linguista brasileira Eni Orlandi nos diz que: “O que temos, como produto da análise, é a compreensão dos processos de produção de sentidos e de constituição dos sujeitos e suas posições” (Orlandi, 2010, p. 72).

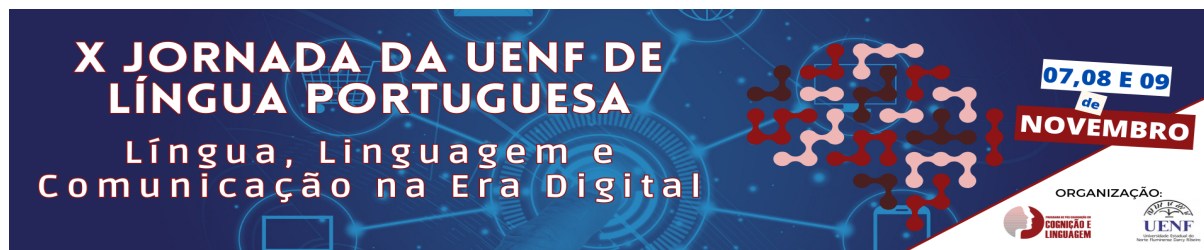
Foi adotada como teoria a Análise do Discurso para analisar o discurso da imprensa esportiva sob uma perspectiva que se pretende crítica. Segundo Maingueneau (2015, p. 56): “Quanto mais interpretado, quanto mais o texto parece enigmático. Sempre além da contingência dos intérpretes que se ligam a ele, considera-se que ele oculte um ‘outro sentido’, que não pode ser nem literal nem trivial”. De acordo com Maingueneau (2015, p. 56): “Quanto mais interpretado, quanto mais o texto parece enigmático. Sempre além da contingência dos intérpretes que se ligam a ele, considera-se que ele oculte um ‘outro sentido’, que não pode ser nem literal nem trivial”. Ainda para Maingueneau (2005, p. 36): “o sentido da obra não é estável nem fechado em si mesmo, sendo construído na separação entre posições de autor e de receptor” [...] e “a leitura, longe de ser simples decifração de signos, implica a cooperação do leitor”.

Sobre enunciado e discurso (Maingueneau, 2011), o jornalista brasileiro, Rodrigo Viana, afirma que: “os textos derrubam a fronteira entre jornalismo e literatura, mesclando crônica e artigo, relato pessoal e análise jornalística, constituindo um caminho para o jornalismo literário” (Viana, 201, p. 69). Prado (2018) nos diz que: “É importante, para a compreensão de um texto, que o leitor tenha algum conhecimento em comum com o escritor, caso contrário, a compreensão estaria inviabilizada”.

Considerações finais

A nossa teoria é que o cronista de futebol inserido no campo literário consegue se sobrepor à ideia de imparcialidade apregoada no Jornalismo. Portanto, por meio de uma linguagem poética, lírica e subjetiva, este autor dribla a questão da objetividade e se coloca como um literato ao escrever com mais liberdade, inclusive com recursos ficcionais, como bem fazia Nelson Rodrigues, que criava personagens e cenários a partir do jogo, no que resultava em texto criativos, que foram aqui analisados incipientemente dentro de seus contextos histórico, político, ideológico, econômico, social e cultural.

Consideramos que este artigo tem seu mérito por trazer à baila, além do renomado Nelson Rodrigues, um cronista de futebol com relevância em nível



nacional pelo fato de ter sido o autor de uma das primeiras biografias de jogador de futebol no Brasil, sobre Waldir Pereira, o Didi “Folha Seca”, eleito melhor jogador da Copa de 1958 na Suécia, quando a seleção brasileira conquistou seu primeiro título mundial. Em um livro escrito em formato de crônicas por capítulo, Pêris Ribeiro se consolidou como um exemplo bem sucedido de jornalista que se tornou escritor, utilizando-se da poética enquanto recurso de linguagem, que é o tema central deste artigo.

Referências bibliográficas

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. “Com brasileiro não há quem possa. Crônicas de futebol e identidade nacional”. Tese de Doutorado - FFLCH/USP: São Paulo: 1999.

CANALE, GIGLIO, DE LIMA E FAVERO. “Um balanço da trajetória do Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol (GIEF) (2006 - 2009)”. Anais do 1º Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol. São Paulo-S:, 2010.

CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão” em “Para gostar de ler: crônicas”. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003.

EAGLETON, Terry. “Como ler literatura. Um convite”. Porto Alegre-RS: L&PM, 2019.

FERNÁNDEZ, Maria do Carmo L. de Oliveira. “Futebol - fenômeno linguístico”. Rio de Janeiro-RJ: Editora Documentário, 1974.

FILHO, Mario. “O negro no futebol brasileiro”. Rio de Janeiro-RJ: Mauad, 2010.

HOLLANDA, Bernardo Buarque, MELLO, Victor Andrade (orgs.). “O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

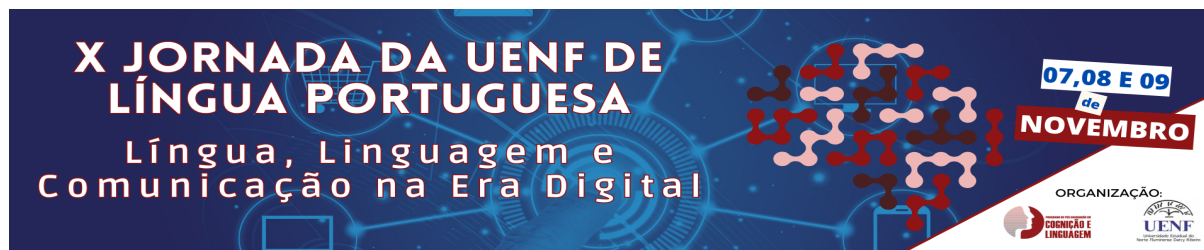
HORNBY, Nick. “Febre de Bola”. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 2013.

LEJEUNE, Philippe. “O pacto autobiográfico: de Rosseau à Internet”. Belo Horizonte-MG: Editora da UFMG, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. “Discurso Literário”. São Paulo: Contexto, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. “Análise de textos de comunicação”. São Paulo: Cortez, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. “Discurso e Análise do Discurso”. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.



MOURA, Sérgio Arruda. "A crônica: entre o campo literário e o campo jornalístico" em "Contemporanea", 2008.

MULLER, Maneco. "O velho e a bola: a trajetória de Nilton Santos nas crônicas de Jacinto de Thormes / Maneco Muller". Rio de Janeiro: Maquinária Editora, 2013.

NOGUEIRA, Armando. "Bola na rede". Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

NOGUEIRA, Armando. "O homem e a bola". São Paulo: Centro Cultural, 1986.

ORLANDI, Eni P. "Análise do discurso: Princípios & Procedimentos". Campinas-SP: Pontes, 2010.

PRADO, Losana Hada de Oliveira. "Crônica, futebol e intertextualidade: análise de crônicas esportivas". Jundiaí-SP: Paco, 2018.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. "Futebol e Palavra". São Paulo: José Olympio, 1981.

RAMOS, Ricardo (org.). "A palavra é futebol". São Paulo-SP: Editora Scipione, 1990.

RODRIGUES, Nelson. "Brasil em campo" (org. Sonia Rodrigues). Lisboa, Portugal: Edições Tinta-da-China, 2018.

RODRIGUES, Nelson. "A pátria de chuteiras". Rio de Janeiro-RJ: Nova Fronteira, 2013.

RODRIGUES, Nelson. "À sombra das chuteiras imortais". São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RIBEIRO, Pêris. "O Brasil e as Copas". Campos dos Goytacazes-RJ: Mitavaí, 1986.

RIBEIRO, Pêris. "Em cima do lance". Campos dos Goytacazes-RJ, Edição do Autor (Impresso na Gráfica Editora Poema), 2001.

RIBEIRO, Pêris. "Didi: o Gênio da Folha Seca". Rio de Janeiro: Gryphus, 2014.

VIANA, Rodrigo. "A bola e o verbo: o futebol na crônica brasileira". São Paulo: Summus Editorial, 2013.